

Um mapa da realidade:

modos de fazer o desenvolvimento local na
Zona Oeste do município do Rio de Janeiro



Rio de Janeiro, setembro de 2012

Ficha Técnica:

PACS

Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul

CNPJ.: 31.888.076/0001-29

Rua Evaristo da Veiga 47/ 702 Centro

CEP:20031-040

Telefax: (21)2210-2421

Correio eletrônico: pacs@pacs.org.br

Sítio do PACS: www.pacs.org.br

Série: Semeando Socioeconomia

Nº 13 - Um mapa da realidade: modos de fazer o desenvolvimento local na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro

Publicação:

Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul em colaboração com a Rede de Socioeconomia Solidária da Zona Oeste.

Colaboradores:

Aline Lima, Ana Cláudia Félix, Edna Costa, Fernanda Vogas, Joana Seabra, Regina Célia Moraes, Rita de Cássia Alves e Robson Patrocínio.

Revisão:

Fran Ribeiro

Projeto gráfico e diagramação:

Espaço Donas Marcianas Arte e Comunicação

Impressão:

Editora Teatral

Apoio:

Fundo Finlandês

PACS - Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul

Um mapa da realidade: modos de fazer o desenvolvimento local na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, PACS, 2012. Semeando Socioeconomia, 13

ISBN 978-85-89366-24-3

1. Economia solidária 2. Grupos de produção
3. Instituições parceiras 4. Zona Oeste do Rio de Janeiro 5. Construção coletiva do conhecimento

Introdução	4
1. Revisitando a história da Rede Socioeconomia Solidária da Zona Oeste e dos mapeamentos	6
1.1 Como é a Zona Oeste?	
1.2 A Rede de Socioeconomia Solidária da Zona Oeste	
1.3 Mapeamento da Rede de Socioeconomia Solidária da Zona Oeste	
1.4 Mapeamento das Instituições Locais	
2. Como fazer: uma proposta de construção coletiva do conhecimento	14
2.1 A equipe dos mapeamentos: o grupo Feito por Nós	
2.2 Contribuição do PACS	
2.3 Princípios norteadores	
2.4 Proposta de trabalho mapeamento da Rede	
3. A realização dos trabalhos dos mapeamentos	20
4. Resultados quantitativos: uma leitura parcial da realidade	24
5. As articulações no território: um potência para o Desenvolvimento Local	36
6. Apresentação das Instituições	40
7. Sobre Mapeamento	44
8. Conclusão	48
Anexos	51

O trabalho que o Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (Pacs) vem desenvolvendo na região na Zona Oeste do Rio de Janeiro tem permitido criar um campo de novas descobertas voltadas para o fortalecimento dos grupos de produção.

A iniciativa de realização dos mapeamentos está centrada nesse contexto, que permitiu um olhar sobre a região onde as ações da Rede de Socioeconomia Solidária da Zona Oeste/ SOCIOECOZO/RJ e a constituição de parcerias, ganha um papel fundamental.

Nesse sentido, essa publicação tem como objetivo devolver para as redes e parceiros

locais os resultados dos mapeamentos de modo que possa ser mais um instrumento que contribua com o processo de articulação e formação. E ainda, poder socializar essa experiência com fóruns, redes e entidades para além da região.

Trata-se também de problematizar as várias questões que atravessam o território na perspectiva do Desenvolvimento Local como uma das formas de dar visibilidade aos potenciais e criar resistências aos vários problemas que a população vem enfrentando, entre esses: as intervenções arbitrárias na cidade, realizadas pelo poder público por conta da Copa de 2014 e Olimpíadas de 2016. A Zona Oeste é a região para onde a cidade

Introdução

continua se expandido e a cada dia perde suas características pertencentes ao contexto rural, principalmente pelo avanço acelerado das grandes corporações ligadas a indústrias e construção civil.

Com as mudanças no PEU - Projeto de Estruturação Urbana, temos assistido a devastação de áreas privadas, sítios e casarões históricos na região dando lugar a condomínios de prédios, que acompanha a falta de infraestrutura e acordos políticos que excluem a participação popular e destroem o meio ambiente.

Com a instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em comunidades do Rio

de Janeiro, tem se observado aumento da interferência das milícias e do tráfico, causando impacto direto nas comunidades em particular na Zona Oeste.

E por fim, as dificuldades oriundas do fato da população estar à mercê de algumas decisões do poder público, que infelizmente não tem dialogado e muito menos atendido as demandas que beneficiariam a maioria da população.

Boa leitura a todos.

1. Revisitando a história

da Rede Socioeconomia Solidária da Zona Oeste e dos mapeamentos

1.1 Como é a Zona Oeste?

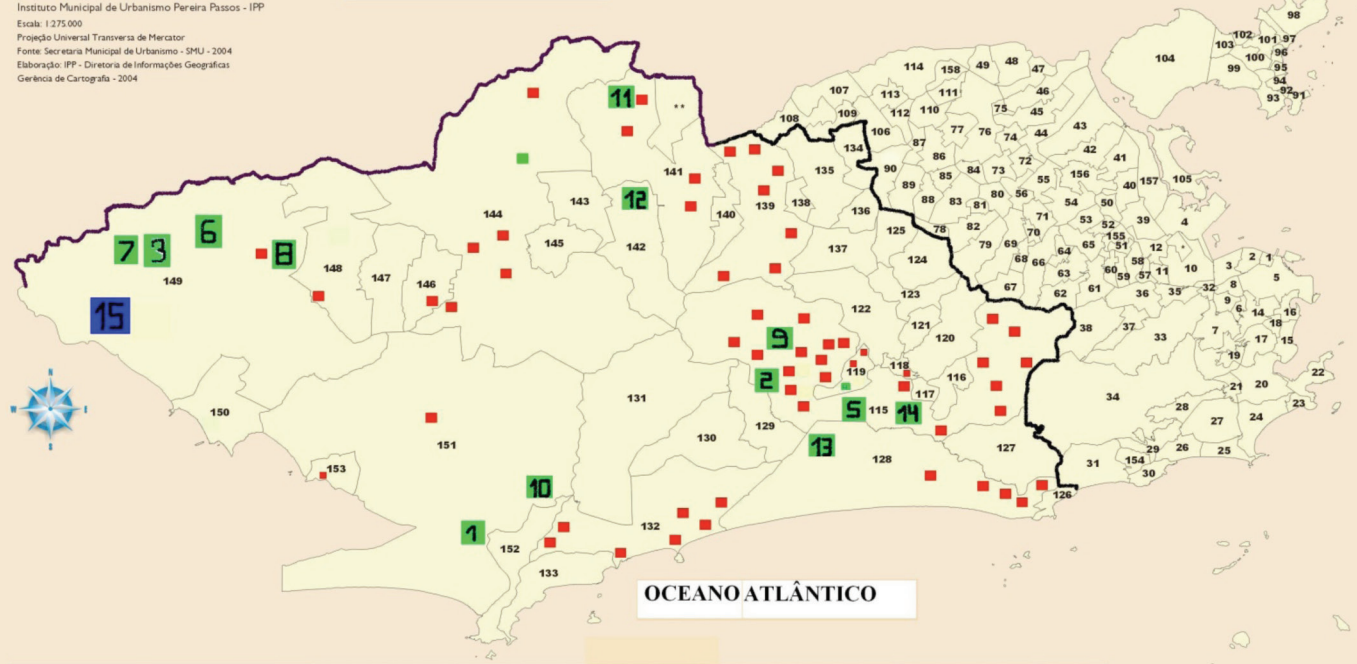
A Zona Oeste é a maior região do município do Rio, ocupando quase 58% do território com 35% de sua população total, que chega aproximadamente a 500 mil habitantes. Estes estão distribuídos em 39 bairros e sub-bairros, concentrando grande parte

de loteamentos irregulares e clandestinos somando um total de 185 favelas, segundo dados do Censo de 2000. Grande parte da população é formada por mulheres. A seguir, mapa do município do Rio de Janeiro:

Bairros - 2004

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Secretaria Municipal de Urbanismo - SMU
Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos - IPP
Escala: 1:275.000
Projeção Universal Transversa de Mercator
Fonte: Secretaria Municipal de Urbanismo - SMU - 2004
Elaboração: IPP - Diretoria de Informações Geográficas
Gerência de Cartografia - 2004

BAIXADA FLUMINENSE



- | | |
|--|---|
| 1 - Parque Estadual da Pedra Branca (desmatamento) | 9 - Jacarepaguá (despejo de cianeto) |
| 2 - Parque Estadual da Pedra Branca (ocupação irregular) | 10 - Guaratiba (resíduos) |
| 3 - Santa Cruz (descarte químico clandestino) | 11 - Bangu (lixão) |
| 4 - Curicica (resíduos químicos abandonados) | 12 - Senador Camará (depósito de resíduos químicos) |
| 5 - Parque Estadual da Pedra Branca (extração irregular) | 13 - Barra da Tijuca (danos ambientais) |
| 6 - Santa Cruz (mineração) | 14 - Jacarepaguá (queimadas) |
| 7 - Santa Cruz (resíduos químicos) | |
| 8 - Santa Cruz (depósito de produtos químicos) | |

15 - CSA



- | | | |
|------------------------------|--------------------------------|--------------------------|
| 106 - Guadalupe | 127 - Itanhangá | 148 - Paciência |
| 107 - Anchieta | 128 - Barra da Tijuca | 149 - Santa Cruz |
| 108 - Parque Anchieta | 129 - Camorim | 150 - Sepetiba |
| 109 - Ricardo de Albuquerque | 130 - Vargem Pequena | 151 - Guaratiba |
| 110 - Coelho Neto | 131 - Vargem Grande | 152 - Barra de Guaratiba |
| 111 - Acari | 132 - Recreio dos Bandeirantes | 153 - Pedra de Guaratiba |
| 112 - Barros Filho | 133 - Grumari | 154 - Rocinha |
| 113 - Costa Barros | 134 - Deodoro | 155 - Jacareinho |
| 114 - Pavuna | 135 - Vila Militar | 156 - Complexo do Alemão |
| 115 - Jacarepaguá | 136 - Campo dos Afonsos | 157 - Complexo da Maré |
| 116 - Anil | 137 - Jardim Sulacap | 158 - Parque Colúmbia |
| 117 - Gardênia Azul | 138 - Magalhães Bastos | 4 - Visco da Gama |
| 118 - Cidade de Deus | 139 - Realengo | 44 - Gericão |
| 119 - Curicica | 140 - Padre Miguel | |
| 120 - Freguesia | 141 - Bangu | |
| 121 - Pedrinha | 142 - Senador Camará | |
| 122 - Taquara | 143 - Santíssimo | |
| 123 - Tanque | 144 - Campo Grande | |
| 124 - Praça Seca | 145 - Senador Vasconcelos | |
| 125 - Vila Valqueire | 146 - Inhaíba | |
| 126 - Joá | 147 - Cosmos | |

* - sem número

Conflitos Fundiários

Conflitos Ambientais

Linha divisória da Zona Oeste



(Fonte: PACS)

1.2 A Rede de Socioeconomia Solidária da Zona Oeste

A Rede de Socioeconomia Solidária da Zona Oeste nasceu a partir da articulação de empreendimentos da economia popular, assistência social e educativa na região. Em 2006, diversos atores locais que haviam participado de cursos oferecidos pelo PACS (entre estes, “Gestão e Viabilidade”, “Mulheres e Economia”, “Orçamento Público”, além de oficinas temáticas) fortaleceram e ampliaram parcerias que viabilizaram a criação de um espaço de diálogo e interlocução entre as iniciativas econômicas populares, de assistência social e educativa, apontando para as convergências das perspectivas de desenvolvimento dos diversos atores locais. Têm início as reuniões da Articulação Zona Oeste.

Neste processo de construção coletiva da Articulação foram sendo progressivamente consolidados objetivos, eixos de trabalho

e uma identidade própria ao movimento. As particularidades da Zona Oeste fizeram desta um espaço de pensar e agir em prol do desenvolvimento local.

Em 2007, esta articulação ganha nome, Rede de Socioeconomia Solidária da Zona Oeste, com o objetivo de aglutinar forças de diversas iniciativas locais em torno da economia solidária. Como ressaltado pelos membros da Rede, o ano de 2007 foi um período essencial para o fortalecimento da mesma.

Por um lado, podemos destacar o papel essencial exercido pelo PACS como um alicerce para dar continuidade a articulação que gerou a Rede. Neste primeiro momento a instituição aparece nas atas não apenas como um provedor de recursos, mas de capacidades, isto é, como um legitimador desta instância. Entretanto, conforme a Rede vai se formatando, as demandas ganhando corpo e as discussões, substância, torna-se latente uma mudança nos discursos e na forma de interagir entre

os diferentes atores envolvidos. As ideias e práticas refletem cada vez mais a construção de um ideal de autonomia não apenas frente ao PACS e outras instituições, como às instâncias estaduais e nacionais de economia solidária, mas principalmente como um sentido de participação pela autogestão.

No que tange a análise do registro documental (atas de reuniões, projetos) e pelo acompanhamento das reuniões, os discursos referentes à participação colocam a Rede como um âmbito de formação coletiva e, principalmente, de movimento. Esta é entendida como um espaço de encontro, de troca de informações, proporcionando a participação em cursos, em feiras, e outros eventos relacionados também à comercialização de produtos. Entretanto, estes aspectos são compreendidos como parte de aprendizagens em sentido integral. Esta apropriação diferenciada e progressiva do espaço reflete e é refletida na metodologia de trabalho: a da construção coletiva.

Neste processo de consolidação e expansão a Rede vem encontrando inúmeros desafios, relacionados às dificuldades para comercialização, infraestrutura (falta de espaço físico, de local para venda, etc.), e não obstante ao fortalecimento da autonomia em sentido amplo. Estes desafios podem ser resumidos na necessidade de “crescer descentralizando”. Isto é, que o processo de expansão das frentes de trabalho e dos projetos ocorra de forma descentralizada, mantendo o diferencial que caracteriza a Rede em primeiro lugar. Podemos citar neste contexto, que desde 2008 vem havendo um aumento substancial do envolvimento da Rede em atividades do Fórum de Cooperativismo Popular e do Fórum Brasileiro de Economia Solidária, além de parcerias como a realizada com a AS-PTA, mobilizando os membros da Rede para a organização do III Encontro de Agricultura Urbana e Economia Solidária da Zona Oeste, primeira feira organizada exclusivamente pela Rede.

Entretanto, existe um incômodo frente à inconstância própria à participação de alguns grupos (o que foi conveniente denominar como efeito sanfona), o que gera muitas dúvidas sobre o movimento em Rede. O aumento de parcerias e articulações com outras frentes de trabalho é percebido como essencial para o fortalecimento da Rede, ao mesmo tempo em que traz questionamentos sobre quem é quem nesta Rede, e o que significa pertencer e participar.

Talvez um ponto importante a ser sublinhado seja a leitura dos grupos sobre a Zona Oeste. Nos registros e conversas percebe-se uma ideia de invisibilidade, exemplificada como a falta de políticas públicas efetivas para esta, que como já citado, concentra mais da metade do território da cidade (58%) e ao menos 35% da população. Apesar das distintas iniciativas chamarem a atenção para o desenvolvimento da economia solidária e estratégias de desenvolvimento local na região, o crescente envolvimento

com frentes institucionalizadas da Economia Solidária vem solapando o ritmo e agenda própria neste espaço, o que se reflete por um lado na pauta sempre crescente de trabalho, e por outro, na necessidade de “frequentar e disputar os espaços de discussão das políticas públicas que os afetam diretamente”.

Por fim, a preocupação quanto ao fortalecimento da Rede surge num contexto de apropriação da região Zona Oeste, em evidência, para que outros grupos, fóruns e instituições não venham se apropriar de um trabalho que estão há tempos construindo.

Este contexto gera algumas tensões, e as discussões vem apontando para a necessidade de investir nos processos de formação, visando à autoavaliação acerca de objetivos e novos caminhos, principalmente sobre como crescer descentralizando. Como ressaltado por uma das participantes: “quando diminuem as atividades de formação, aumenta a centralização”.

1.3 Mapeamento da Rede de Socioeconomia Solidária da Zona Oeste

A demanda pela realização de um mapeamento da Rede surge de seus próprios membros no ano de 2007, sendo a ideia amadurecida ao longo de 2008. Com a expansão das frentes de trabalho da Rede, surge uma demanda por autoconhecimento, e o processo se inicia com a necessidade de responder as seguintes perguntas: Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos?

A história do primeiro mapeamento surge assim em um contexto de progressiva consolidação de uma identidade e maior autonomia das frentes de trabalho da Rede, e devido a necessidade de fortalecimento interno e frente à outras instâncias.

O mapeamento surge assim como uma iniciativa inovadora que vem sendo comentada em outras instâncias, e “está incomodando”. Incomoda

porque “estão percebendo que a Zona Oeste está se movimentando”, incomoda porque estão vendo que a Zona Oeste está realizando seu próprio mapeamento, um feito de baixo para cima e não vice e versa”. Não obstante, surge como a possibilidade de se conhecer, mas também de se fazer conhecer. De divulgar o trabalho que a Rede está fazendo na Zona Oeste, a Rede projetada como um espaço representativo para o desenvolvimento local da região.

1.4 Mapeamento das Instituições Locais

Revisitando a história do segundo mapeamento, ele começa a ser ensaiado pelos grupos de produção também em 2007, quando se toma a decisão de ampliar os espaços para realização de feiras na Zona Oeste, criando para isso uma lista de instituições que poderiam ser facilitadoras deste processo. Naquele momento não existia a Rede de Socioeconomia Solidária da Zona Oeste/RJ como é conhecida atualmente,

o processo estava acontecendo em torno do que se denominava grupo de articulação da Zona Oeste que era composto por grupos de produção e entidades de assessoria.

O segundo mapeamento leva cinco anos para se concretizar, tempo em que a Rede amadureceu e ganhou visibilidade para fora da Zona Oeste, participando de fóruns municipal

Ata da Reunião de Articulação Zona Oeste - Data: 30/06/07 - Local: FEUC

Participantes: 20 participantes de 8 grupos

O outro item da reunião foi a discussão do documento de apresentação dos grupos para a busca de possíveis locais para as feiras na Zona Oeste. O documento foi elaborado por uma equipe escolhida na reunião anterior. Ele foi lido e sofreu poucas modificações para que a apresentação dos grupos estivesse mais clara possível.

A discussão maior se deu na forma como cada grupo responsável pelo contato com os locais escolhidos poderia fazer para facilitar todo o processo. Cada grupo responsável abre e fecha todo o contato.

Ficou acordado por todo o grupo presente que depois do documento pronto e assinado, cada grupo responsável faz o contato com o local, e na próxima reunião devolve o resultado daquele contato para todo o grupo de articulação por meio de um relatório para que a visita fique documentada.

O grupo também acordou que no caso de aumentar o número de grupos participantes para a feira, estes novos grupos poderiam fazer parte sem problemas de não estar desde o início do processo de discussão da busca de locais.

e estadual de Economia Solidária e de eventos e projetos importantes da Economia Solidária, tais como: construção/consolidação do Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário; Feira de Economia Solidária - Santa Maria /RS; primeiro encontro com a Unacoop - União das Associações e Cooperativas Usuárias do Pavilhão 30, para articular espaço físico de Economia Solidária/RJ; primeiro encontro para audiência pública sobre a lei nacional de Economia Solidária; Pesquisa sobre as Estratégias de Comercialização Solidária no Brasil (Feira de Artesanato - Criatividade Sem Limites - Seropédica - RJ).

Nesse sentido, a motivação que proporcionou abertura de diálogo da Rede com o Pacs na tentativa de realizar o segundo mapeamento articulado com o primeiro mapeamento leva em consideração alguns aspectos, mas um merece destaque: a necessidade de dar visibilidade para a Rede na Zona Oeste, que tem a ver com a reflexão de que a mesma ganhou visibilidade

e expressão para fora da região, o que não aconteceu quando se olha para a atuação local.

A Rede nos últimos anos tem conseguido parceiros estratégicos no território, como a UEZO - Universidade Estadual da Zona Oeste, FEUC - Fundação Educacional Unificada Campograndense, Rede de Agricultura Urbana e Associação Comercial de Campo Grande, entretanto, quando se discute a atuação da Rede no território e no contexto do Desenvolvimento Local, compreende-se a necessidade e importância da expansão das parcerias locais, que significa troca de saberes e construção de conhecimento. Outro aspecto tem a ver com a ampliação dos espaços de comercialização na região. Mas adiante, poderemos observar a partir dos dados do primeiro mapeamento que a questão da comercialização persiste como algo a ser enfrentado pelos grupos e assessorias.



2. Como fazer:

Uma proposta de construção coletiva do conhecimento

2.1 A equipe dos mapeamentos: o grupo Feito por Nós

No final do ano de 2008, algumas participantes da Rede se voluntariaram para formar a equipe de mapeamento da Rede. A formação do grupo Feito por Nós acontece no ano de 2009 e foi concomitante à participação de suas integrantes no curso de Gestão e Viabilidade. Edna e Regina Célia formavam a equipe original de 2008, mas com a saída de outras duas participantes, convidaram a Claudia para integrar a equipe (posteriormente o Feito por Nós integrou mais as filhas de duas participantes, que não estão diretamente relacionadas ao mapeamento).

Este mapeamento foi realizado através de visitas aos grupos e aplicação de um questionário. O questionário assemelha-se ao utilizado pela SENAES (Secretaria Nacional de Economia Solidária) no mapeamento nacional levado a cabo em 2007, com algumas modificações sugeridas pela equipe do PACS e pelos próprios membros da Rede nos meses preparatórios.

Estas mudanças foram necessárias uma vez que o mapeamento levado a cabo pelo SENAES a nível nacional consistiu em uma pesquisa de caráter quantitativo, possível dado à amostra significativa estabelecida. No caso da Rede, além do número reduzido de grupos para esta primeira fase, surgiram também outros questionamentos não contemplados pelo questionário padrão.

Antes do início das atividades, a equipe passou por algumas reuniões com a equipe do Pacs para discutir os questionários. Porém, foi na prática que as mulheres desenvolveram uma forma própria de realizar as entrevistas. O trabalho realizado consistiu na divisão de tarefas entre as três mulheres do grupo, onde cada visita seria realizada por duas destas (em algumas ocasiões por todas). Uma ficaria responsável por aplicar os questionários, realizar outras perguntas relacionadas ao trabalho do grupo e outras questões, e a outra, por observar o trabalho e anotar os comentários realizados. De acordo com as mesmas, as perguntas eram abertas, variando de acordo com a conversa em pauta. Esta forma própria de realizar as entrevistas resultou na compilação de novas informações sobre os grupos, sobre os significados atribuídos pelas pessoas envolvidas ao trabalho sendo realizado (inclusive pela própria equipe) e posteriormente à análises originais realizadas pela equipe sobre os grupos e os significados atribuídos pelos mesmos a diversas questões relacionadas a Rede.

2.2 Contribuição do PACS

No que concerne a Rede SOCIOECOZO, a equipe do PACS apesar de facilitar o espaço de encontro, estabelece uma relação de parceria. Este ponto deve ser ressaltado uma vez que a demanda por autoconhecimento e os caminhos para tanto surgiram primeiro entre os membros da Rede. Estes caminhos significaram o amadurecimento desta ideia por meses, tendo início como uma proposta de mapeamento da Rede de Socioeconomia Solidária da Zona Oeste. O PACS entra na condição de parceiro, contribuindo com a facilitação do processo. Ainda assim, torna-se necessário ressaltar alguns aspectos pontuais sobre esta contribuição:

Em primeiro lugar, ressalta-se que as contribuições surgem como uma forma de facilitar um trabalho original e autônomo já em andamento. O respeito pela autonomia dos trabalhos e atores deve assim embasar novas relações assumidas a cada fase do processo, assim como o contexto e os saberes de todos

os envolvidos, equipe, grupos, facilitadores, instituição.

Não obstante, leva-se em consideração o desafio da construção coletiva de novas formas de saber e saberes. No que diz respeito ao mapeamento da Rede, este desafio também representa uma potencialidade, uma vez que surge como demanda e iniciativa própria dos grupos.

A delineação de uma proposta consistiu em buscar uma perspectiva de trabalho que condissesse com os princípios e metodologias que embasam o funcionamento da Rede, que são: a construção coletiva de formas alternativas de se relacionar, solidárias, através do diálogo, e da participação com autonomia.

A proposta inicial era contribuir com a sistematização dos dados oriundos dos questionários aplicados. Entretanto, aos poucos, duas constatações levaram a mudanças importantes na dinâmica de trabalho. Primeiro,

a equipe de mapeamento percebeu certo grau de rejeição aos questionários, o que indicava que estes não abordavam as preocupações centrais dos envolvidos. Os elementos mais inesperados e motivadores pareciam surgir das conversas e encontros entre os grupos e a equipe de mapeamento. Para lidar com tais limitações, a equipe de mapeamento desenvolveu formas próprias de realizar entrevistas e registros sobre estas conversas, abarcando em suas visitas temas relacionados aos questionamentos mais profundos da Rede e não contemplados pelos questionários padrões. Analisando este cenário, fica claro que os elementos necessários para a construção de novos conhecimentos que abranjam tanto aspectos quantitativos como qualitativos já estão em cena.

A contribuição possível vem no sentido de facilitar o processo de sistematização destes dados quantitativos e qualitativos. A proposta inicial que consistia no apoio a sistematização dos dados quantitativos, passa a abranger o

apoio para o aprofundamento de metodologias participativas de forma a facilitar espaços para reflexão e interpretação crítica, não apenas dos dados quantitativos, mas também sobre outros questionamentos suscitados no processo. Basicamente, a proposta consistiu na realização de um trabalho conjunto durante os últimos meses, através de oficinas e conversas abertas onde foram discutidas as formas de apropriação de um conhecimento já existente.

Isto é, o desafio consistiu da tentativa de desenvolver um trabalho dentro das possibilidades e condições de um determinado momento e contexto, com toda a bagagem acumulada e projetos por vir.

Ao mesmo tempo, ressalta-se o contexto do dentro do possível, pois as condições existentes também significam limitações a serem demonstradas. Espera-se que estas limitações ou desafios contribuam com o desenvolvimento de novos projetos no futuro.

2.3 Princípios norteadores

- Aprendizagem
- Autonomia
- Respeito
- Participação

Foram pensados para esse mapeamento cinco dimensões estratégicas:

- Consciência e respeito pelas relações de poder presentes entre os atores envolvidos
- Buscar as motivações para cada processo
- Construção de certo grau de identidade em torno da reflexão
- Desenvolvimento de novas capacidades na facilitação para a reflexão coletiva e crítica da realidade
- Recursos para as condições de trabalho

2.4 Proposta de trabalho: mapeamento da Rede

a) Quantitativo	Ordenamento e classificação de dados e informações.	Construção de base de dados organizada.	Questionários, resultados objetivos.
b) Qualitativo	• Ter participado ou participar • Ter registros da experiência • Encontro com participantes	• Disposição construção coletiva e participativa do conhecimento	• Construção coletiva e participativa do conhecimento
1) Estabelecendo o foco	• Delimitação dos objetivos • Definição dos eixos de trabalho	• Para que queremos mapear a Rede? • Que aspectos centrais nos interessa aprender sobre a rede?	• Oficina 1: (grupo mapeamento) - Importância registro - Formas de registro: testemunhos, gravações, fotos... - Definição dos objetivos e eixos > categorias a serem retomadas > como abordar estes temas?
2) Reconstruir a história	• Recuperação do processo vivido	• Resgatar as etapas da experiência desde seu início • Ordenar e classificar a informação	• Oficina 2: (grupo mapeamento)
3) Recuperação, análise e interpretação	• Recopilação e devolução da informação • Análises e interpretação crítica	• Conclusões	• Oficina 3; (oficina coletiva: reunião socioecozó outubro)
4) Plano de comunicação	• Desenho e elaboração de materiais • Comunicar aprendizagens	• Elaboração informe técnico • Elaboração apresentação	• Oficina 4: (grupo mapeamento)

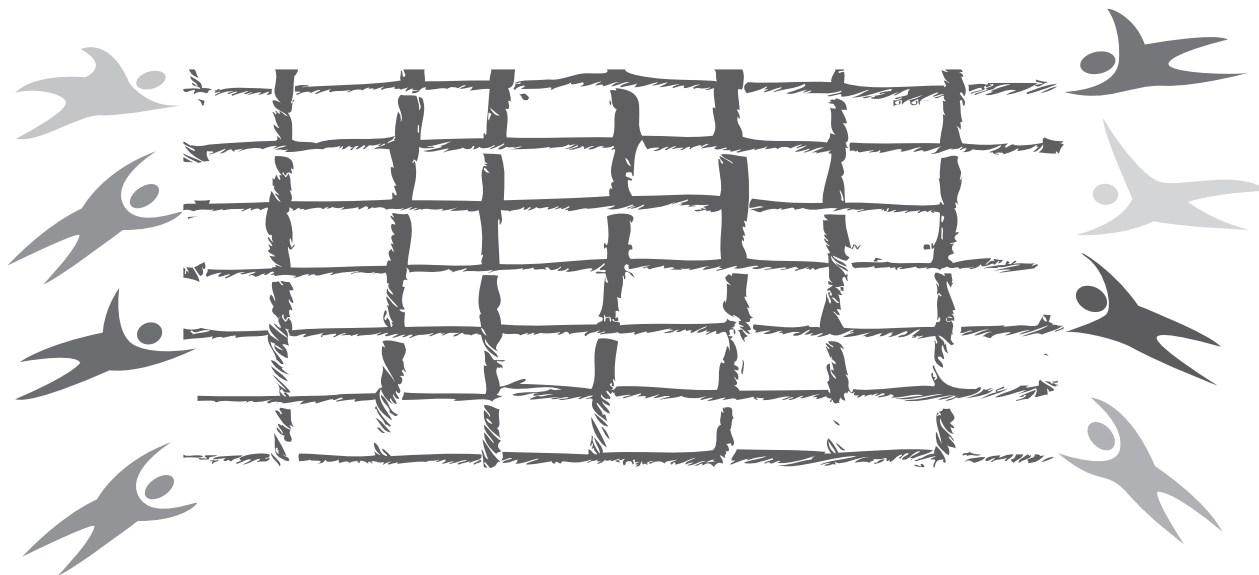
3. A realização

dos trabalhos dos mapeamentos

Esta primeira fase do mapeamento 2009 foi realizada em duas etapas, abarcando a um total de 19 grupos. Na primeira etapa foram mapeados 9 grupos, sendo estes: Criative Eco-Arte; Guararte; Mães de Deodoro; Fofe; Associação Olho na Arte; Coop Forte Cidade de Deus; Vitória em Ação; Pegazo; e Esperança em Arte. A segunda etapa abarcou os seguintes grupos: Nega Maluca; Carioca tem Arte; Fontes das Artes; Vida em Arte; Mulheres de Pedra;

Coopermizo - Cooperativa Mista de Trabalho e Produção Z.O. Ltda.; Lar Fabiano de Cristo - Casa de Susana Wesley; AS-PTA - Programa de Agricultura Urbana; PACS - Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul; e Feito por Nós.

Com o andamento do trabalho, algumas modificações foram necessárias ao primeiro projeto proposto. Das quatro oficinas propostas, as duas primeiras foram realizadas



em consonância com o projeto original. A terceira oficina foi uma reedição da primeira com o coletivo da Rede.

Além destas oficinas, foram realizadas diversas reuniões paralelas com a equipe de mapeamento, principalmente para pensar a elaboração e apresentação dos resultados parciais do mapeamento durante o seminário do PACS em Mendes. Visto a negativa da equipe

em apresentar o trabalho, a alternativa foi propor uma apresentação e a gravação em vídeo de testemunhos das mesmas sobre o trabalho.

Como ressaltado por uma das integrantes da equipe de mapeamento, este trabalho foi se tornando uma “outra coisa, muito diferente do que havia sido proposto no início”. A proposta que a princípio estabelecia a necessidade

de realizar um censo sobre a rede foi sendo modificado em seu próprio caminhar, tornando-se por fim um processo de formação que trouxe questionamentos e reflexões bastante complexos sobre a Rede. Assim, apesar dos princípios e premissas metodológicas que embasaram a proposta de trabalho, cabe ressaltarmos alguns desafios e potencialidades enfrentados na prática.

Em primeiro lugar e como pano de fundo, o enorme desafio da construção original e coletiva de saberes e formas de saber, a partir da valorização diferenciada das capacidades individuais. As oficinas trouxeram à tona as concepções dominantes sobre aqueles que sabem/ não sabem, e a forma como esta hierarquização dos saberes podem significar relações de poder diferenciadas. Neste cenário, a participação de forma autônoma torna-se um desafio, significando em alguns contextos por um lado uma dificuldade minha em trabalhar com ferramentas mais horizontais, e de outro, a postura de entregar informações para um

especialista analisar. Isto é, minha integração a equipe de mapeamento ocorreu não sem percalços. A primeira oficina realizada trouxe à tona debates profundos sobre os significados de pertencimento e participação em voga na Rede, mas contaram também com algumas dificuldades para um diálogo real entre as participantes.

No momento da segunda oficina, esta dificuldade anteriormente citada foi simbolizada pela equipe de mapeamento como a relação de um E.T. falando com as árvores. Mas, logo este simbolismo passou a representar diferentes contextos de estranhamento que não apenas aquele sentido em minha integração à equipe, mas da própria visita da equipe de mapeamento aos locais de trabalho dos grupos, da chegada de pessoas novas às reuniões da Rede, de algumas iniciativas do PACS e de outras frentes na região, entre outras. Frente a esta discussão sentimos a necessidade de realizar o mesmo exercício proposto para a primeira oficina junto ao coletivo da Rede, sendo esta a 3ª oficina. O

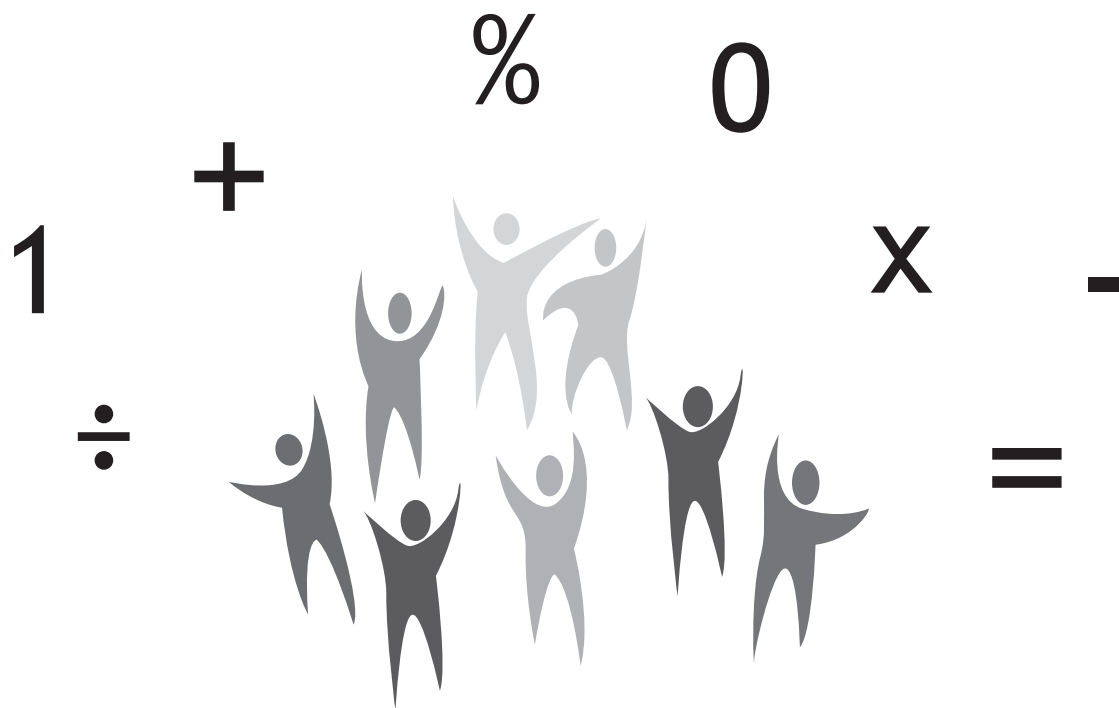
aspecto mais interessante sobre este momento foi comentado por uma participante da Rede durante a 3ª oficina, quando segundo a mesma, “é interessante notar como todas as falas estão coincidindo, o que indica que há sintonia.” (anônimo, 3ª oficina de trabalho do mapeamento da Rede, reunião de setembro de 2009).

Nestes três primeiros momentos, a ideia era fomentar uma reflexão sobre as motivações, os objetivos e propósitos para a realização do mapeamento da Rede. Basicamente, a discussão ocorreu ao redor de três perguntas: Que aspectos gostaríamos de entender sobre a Rede? Por quê? Para que (com que objetivos)? De fato, houve uma grande sintonia entre as diferentes falas sobre a necessidade de aclararmos o tipo de impacto ou diferencial que a participação na Rede significa para os grupos e indivíduos, e as motivações e obstáculos para participação na mesma.

Um segundo tópico sobre os desafios enfrentados refere-se ao questionário. Como foi ressaltado,

as questões abordadas por este não refletem o conjunto diverso de questionamentos apresentados pelos membros da rede, ainda que por outro lado ofereça um importante retrato sobre os grupos que a compõe. Além disso, percebem-se algumas incoerências entre as respostas dos entrevistados, seja pela não compreensão, seja pelo caráter informal das visitas realizadas. A própria mudança entre quem aplica a um ou outro grupo pode resultar em distorções nas respostas. Aqui vale ressaltarmos que as respostas contraditórias foram levadas à equipe, e através de conversas sobre cada caso, foram definidos os critérios para classificá-las.

Entretanto, tendo em vista que este não é o aspecto mais importante do trabalho, tomamos estas questões como aprendizagens para uma eventual continuidade do trabalho e para a reflexão sobre as relações estabelecidas entre os grupos da Rede durante o processo.



4. Resultados quantitativos:

uma primeira leitura

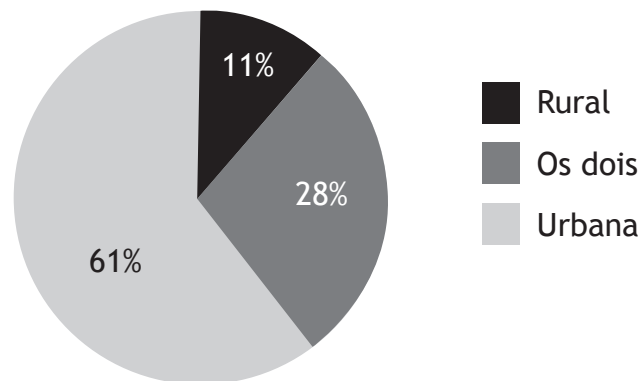
Do perfil dos grupos mapeados até o ano de 2009

Por se tratar de uma apresentação introdutória dos resultados do mapeamento, que, todavia, devem ser discutidos com as participantes da Rede para interpretações mais ricas, abordaremos alguns pontos que parecem relevantes a esta apresentação. Cabe ressaltar que algumas questões do questionário permitiam ao entrevistado marcar a quantidade de respostas desejada, não sendo possível estabelecer, por tanto, uma ordem de prioridade sobre as respostas. Neste sentido, algumas interpretações aqui apresentadas ressaltam a força daquelas respostas marcadas pelo maior número de grupos, não sendo necessariamente a prioridade de cada um.

A primeira fase de mapeamento dos grupos da Rede de Socioeconomia Solidária da Zona Oeste do Rio de Janeiro abarcou um total de 19 grupos, entretanto, posto que um destes

grupos optou por entregar o questionário em branco, será considerado um universo de 18 grupos para esta análise.

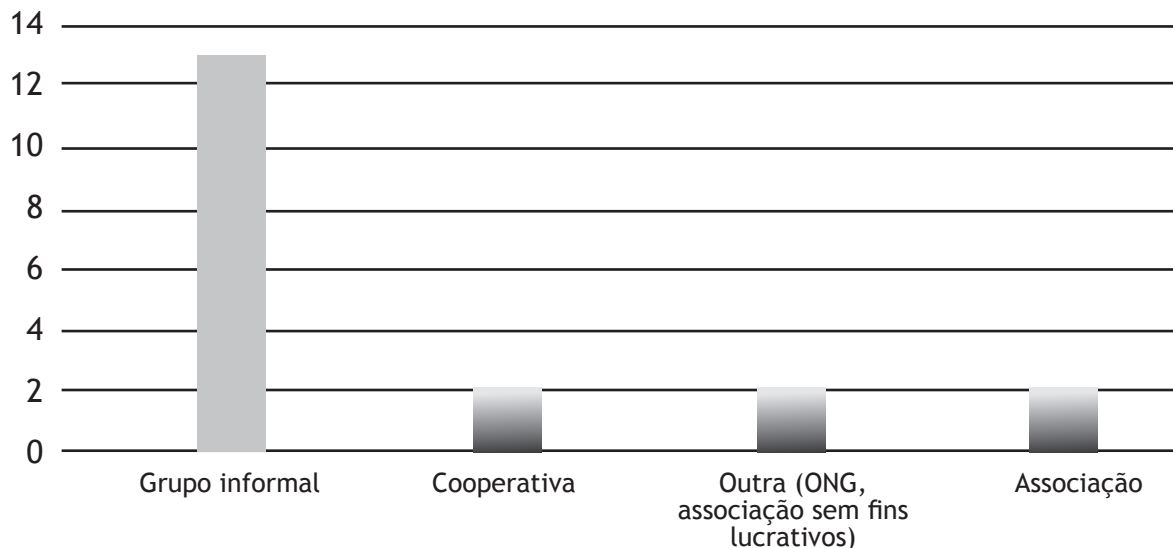
Das 156 pessoas que a Rede abrange, 117 são mulheres e 41 homens, formando uma proporção de 74% de mulheres para 26% de homens. Não fosse a participação da Cooper Forte CDD, uma cooperativa composta por 25 homens, este resultado seria ainda mais drástico: 88% de mulheres. A maior parte dos grupos declarou sua área de atuação como essencialmente urbana, e a principal atividade dos grupos é o artesanato.



Quando analisamos o perfil dos 18 grupos, observamos que 72% são compostos apenas por mulheres, sendo o restante de composição mista. Neste universo, nenhum grupo é composto apenas por homens. Entretanto, esta análise torna-se ainda mais rica quando nos detemos à natureza da organização dos grupos.

Os dados revelam que 72% dos grupos mapeados pela Rede são grupos informais, sendo as demais associações, cooperativas e ONGs. O cruzamento dos dados permitiu analisar que todos os grupos informais são compostos apenas por mulheres, enquanto todos os demais são organizações mistas.

Forma de organização

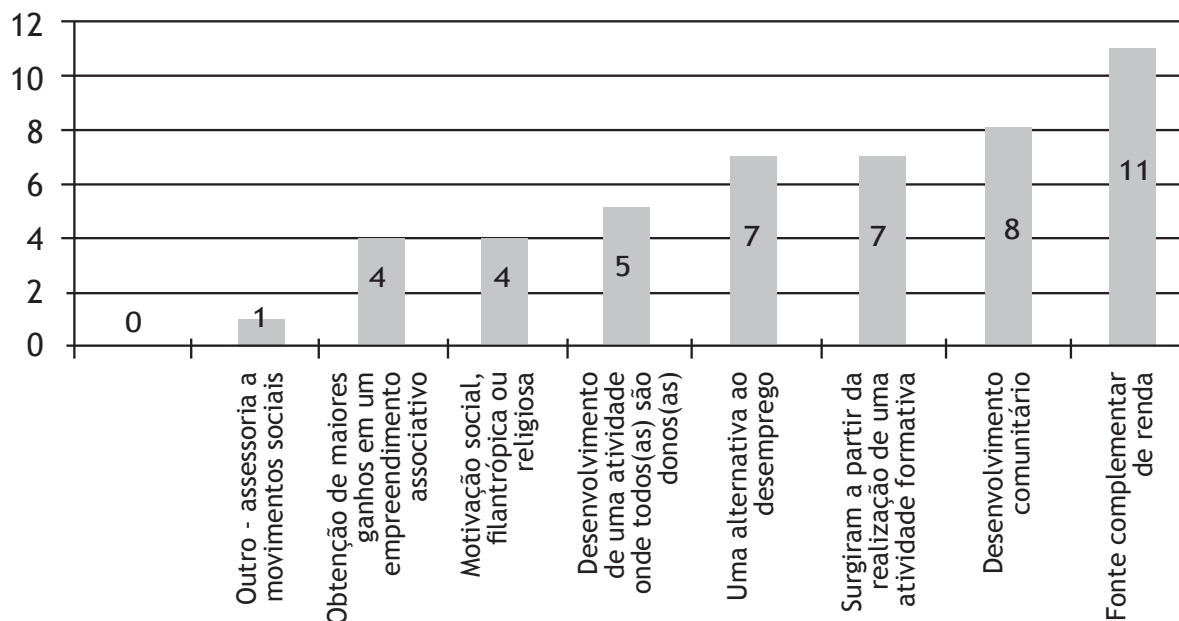


Das atividades econômicas dos empreendimentos

Quando questionados sobre as motivações para a criação do empreendimento, a resposta marcada mais vezes pelos grupos foi uma fonte

complementar de renda; em segundo lugar, o desenvolvimento comunitário. Não obstante - empatadas - aparece uma alternativa ao desemprego e o surgimento do grupo como a partir da realização de uma atividade formativa.

O que movimentou a criação do empreendimento?

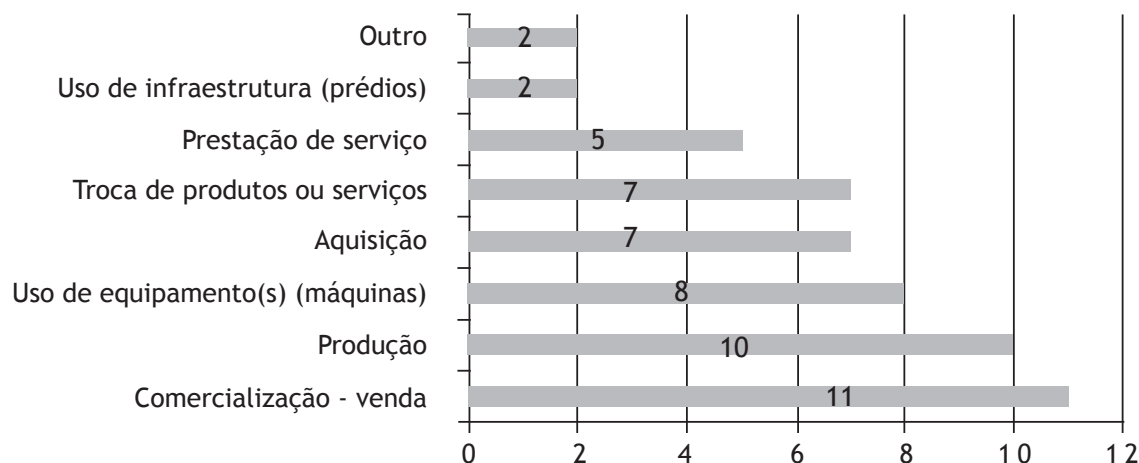


No que tange as principais atividades econômicas, comercialização e troca foi a opção marcada por 61% (11 grupos) dos grupos, seguida por produção com 50% (9 grupos). Esta tendência é confirmada quando observamos as atividades coletivas apontadas o maior número de vezes: comercialização e venda para 61% (11 grupos), produção para 55% (10 grupos), uso do equipamento com 44,4% (8 grupos) e aquisição e troca de

produtos e serviços sendo por 39% (7 grupos) respectivamente.

O uso coletivo de infraestrutura foi marcado por apenas 2 grupos, o que parece contraditório frente às respostas quanto a situação da sede ou local de funcionamento do empreendimento: dos 8 grupos que declararam ter sede própria, nenhum apontou o uso de infraestrutura como uma atividade coletiva.

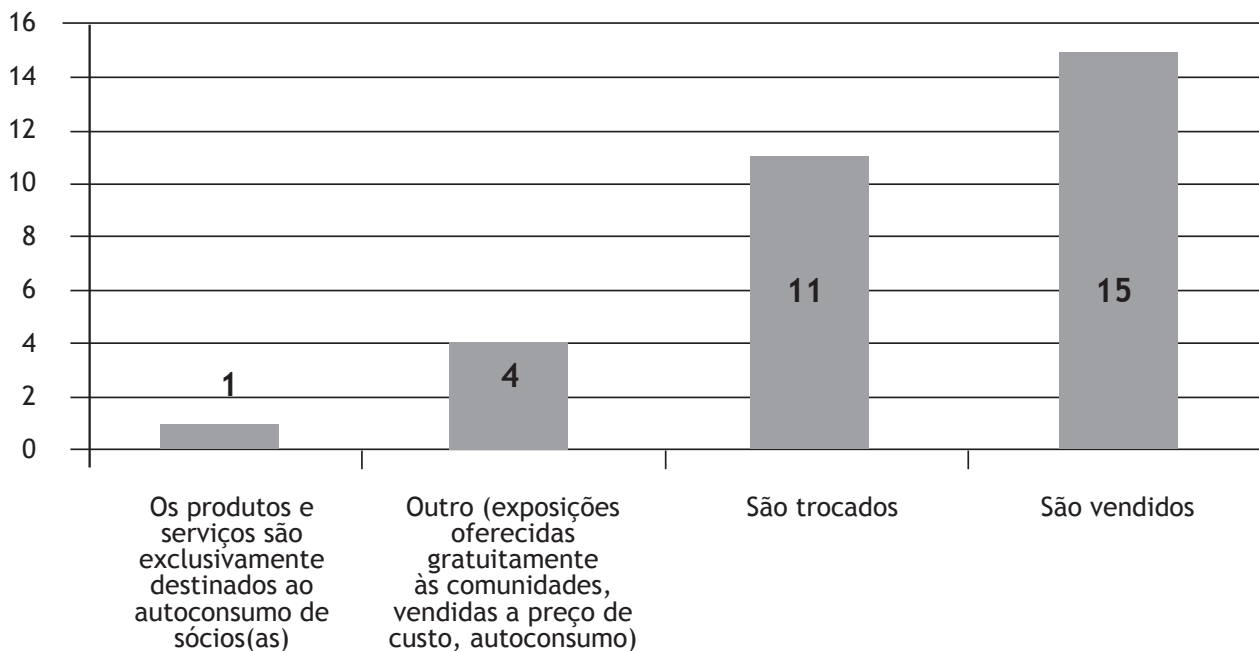
O que é realizado de forma coletiva?



Referente ao destino dos produtos e/ou serviços, 83% (15 grupos) declaram vender seus produtos e 61% (11 grupos) apontam que os mesmos são trocados. O cruzamento

dos dados demonstra que as duas atividades são realizadas concomitantemente por 50% (9 grupos) dos grupos.

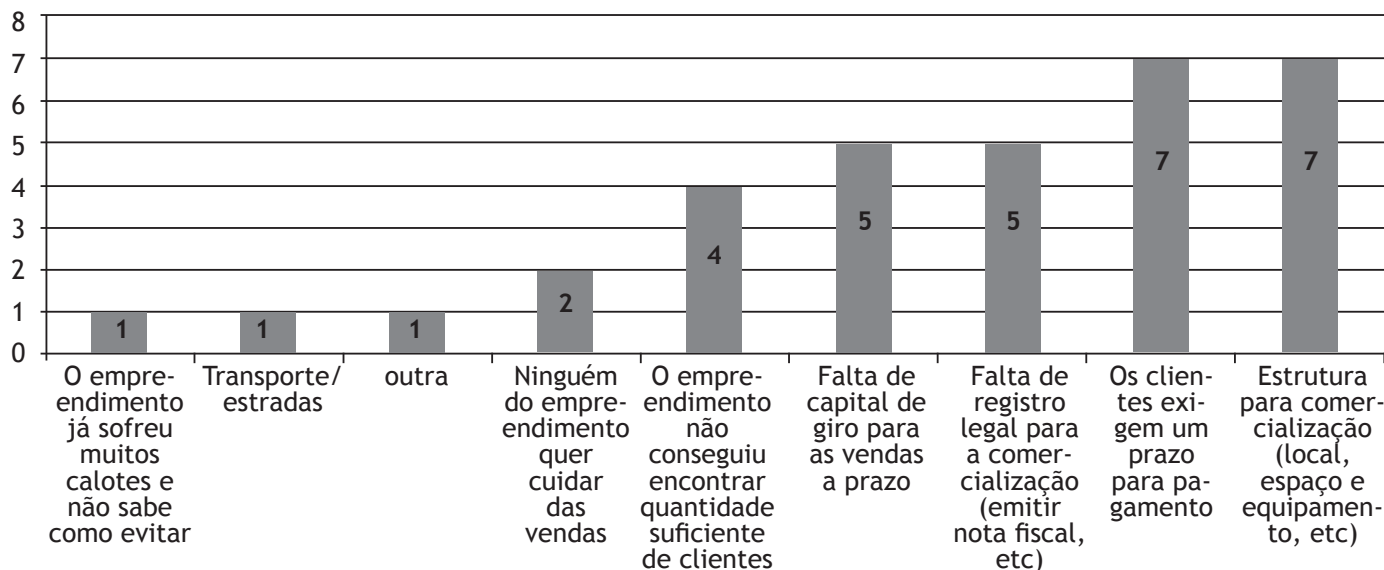
Qual o destino dos produtos e/ou serviços?



Dos 18 grupos, 76% enfrentam dificuldades para a comercialização de seus produtos e/ou serviços. Os principais espaços de comercialização de produtos e ou serviços aparecem como as feiras e exposições eventuais

/ especiais, opção votada por 83% (15 grupos) dos grupos, a entrega direta a clientes por 50% (9 grupos) , e as lojas ou espaços próprios 39% (7 grupos). Seguem as principais dificuldades identificadas pelos grupos:

Quais as principais dificuldades encontradas pelo empreendimento para a comercialização de produtos e/ou serviços?



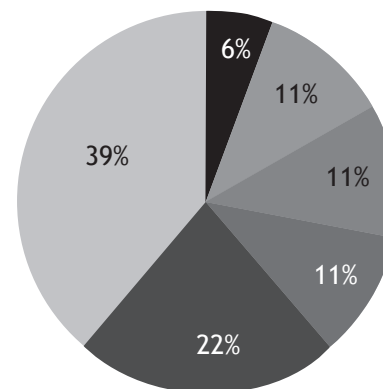
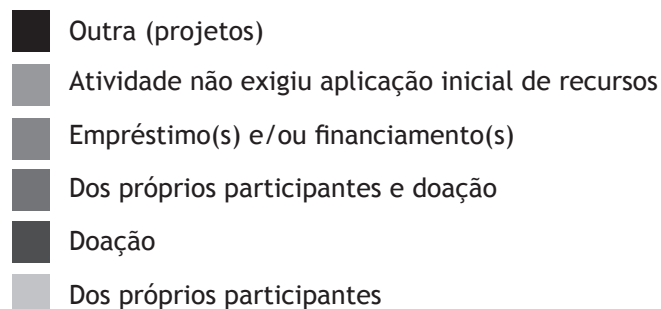
Talvez, uma curiosidade ou ponto de inflexão ainda relacionado à prática da comercialização possa ser retirado das estratégias de divulgação dos empreendimentos. A quase totalidade dos grupos¹ apontou utilizar das estratégias do “boca a boca” para divulgar seus produtos, e 67% (12 grupos) dos grupos apontaram realizar a divulgação de seus trabalhos em feiras e exposições eventuais. Apenas 39% (7 grupos) dos

grupos apontaram utilizar cartazes, catálogos, folders e panfletos, enquanto 33% (6 grupos) dos grupos apontaram utilizar a internet.

Do acesso a recursos financeiros

No referente a origem de recursos a mais para iniciar as atividades, a opção mais votada foi dos próprios participantes. Segue tabela com os dados específicos:

Qual a origem dos recursos para iniciar as atividades do empreendimento?



1. Dois grupos haviam indicado não realizar divulgação dos produtos, entretanto, ao considerarem duas modalidades de divulgação como próprias ao trabalho desenvolvido (“boca a boca” e “feiras e exposições”), a equipe decidiu por considerá-los na totalidade dos grupos que declara divulgar os trabalhos (constituindo assim 18 grupos). Entretanto, isto gera o questionamento sobre “boca a boca” e “feiras e exposições” como estratégias intencionais de divulgação.

Não obstante, 61% dos grupos (11 grupos) declaram nunca ter buscado crédito ou financiamento, enquanto 39% sim (7 grupos): destes, 22% (4 grupos) obtiveram resultados positivos (conseguiram crédito ou financiamento) e 17% (3 grupos) negativos (não conseguiram crédito ou financiamento).

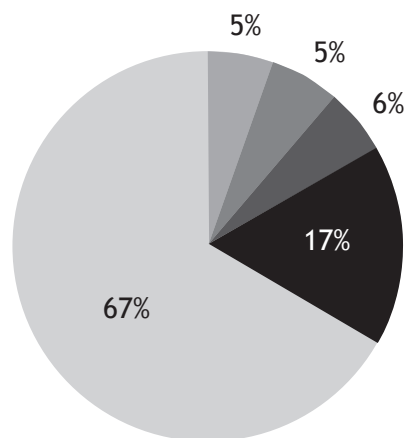
Quanto às formas de participação nas decisões, as respostas literais deixam uma margem de dúvida que poderá ser trabalhada a partir de uma perspectiva qualitativa. Há indícios de que os grupos tomam decisões de forma coletiva (por exemplo, “todas juntas”, “tomam as decisões juntas”), entretanto, algumas respostas como “debate de opiniões”, apesar de indicarem um amplo debate sobre os assuntos, não delimitam o peso correspondente a cada participante na tomada de decisão. Apenas dois grupos indicaram tendência oposta. O primeiro, por não se considerar “grupo”, já que atualmente conta com duas artesãs. E o segundo, uma ONG onde “somente a diretoria toma as decisões, os participantes são apenas informados”.

No referente aos resultados das atividades econômicas (sem contar com a doação de recursos), mais da metade dos grupos declarou poder pagar as despesas e ter uma sobra excedente. A forma mais comum de remuneração aparece como a remuneração por produto ou produtividade para 56% dos grupos (com 11 grupos), seguida de outras formas: a remuneração fixa ou por horas trabalhadas, e a que conjuga a por produto ou produtividade e por horas trabalhadas. Um grupo declarou não haver remuneração.

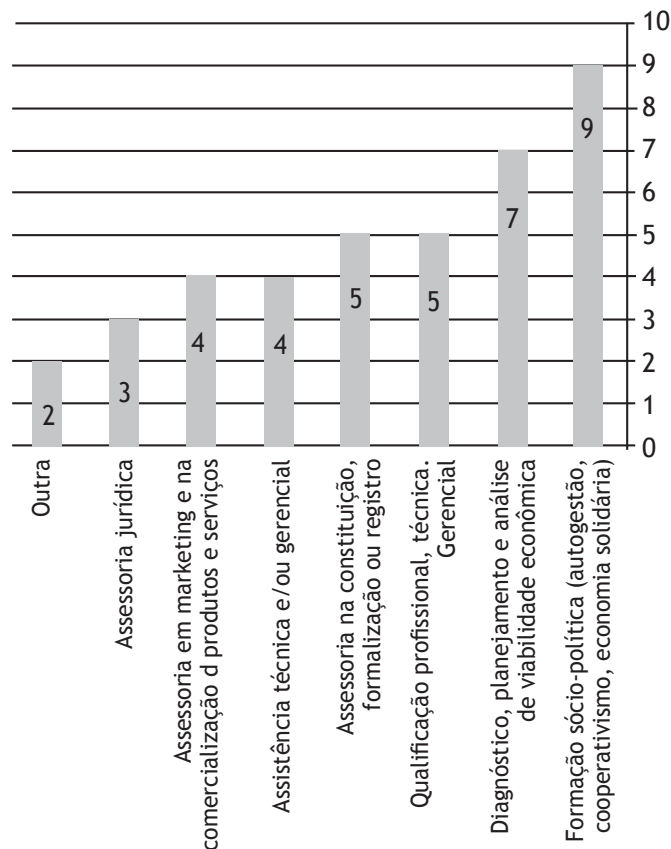
Os resultados da atividade econômica do empreendimento, sem contar as doações de recursos caso existam, permite:

- Sem resposta 
- Pagar as despesas e não ter nenhuma sobra 
- Todas dependendo da fase 
- Não deu para pagar as despesas 
- Pagar as despesas e ter uma sobra excedente 

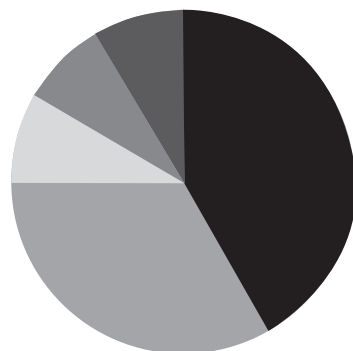
No início deste texto, a ênfase dada à realização de cursos e seminários como uma das motivações apontadas para a formação dos grupos já indicava a relação destes com cursos de formação em geral e, neste sentido, 83% dos grupos declararam ter tido “acesso a algum tipo de apoio, assessoria, assistência ou capacitação”. Quando pedido que especificassem que tipo de apoio foi realizado, quatro grupos não responderam a questão, tomando como universo de respostas um total de 14 grupos para esta questão.



Que tipo de assessoria, assistência ou capacitação o empreendimento teve acesso?



Quem forneceu apoio ao empreendimento?



- ONGs, OSCIPs, Igrejas, associações e conselhos comunitários, etc. Qual? PACS, Ibase, Pegazo, Asplande, Fase, Afro, Igreja
- Outra, qual? Sebrae, Lar Fabiano
- Universidades, incubadoras, Unitrabalho. Qual? UFRRJ
- Órgãos governamentais. Qual? Prefeitura, Instituto Rio, Escola de Empreendedorismo, Sec. Min. do Trabalho, Casa da Moeda
- Movimento sindical (Central, Sindicato, Federação)

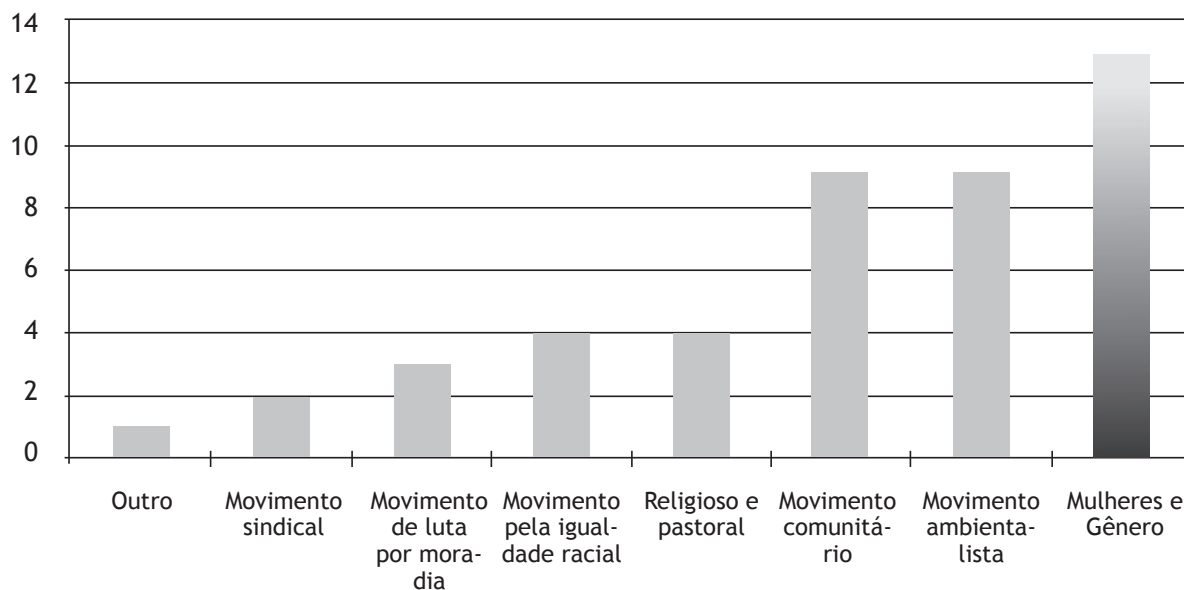
Não obstante, perguntou-se aos grupos se fazem parte de redes ou fóruns de articulação,

com respostas afirmativas de 72% dos grupos. Segue tabela:

	Quantidade	empreendimentos	questões marcadas
Federação de órgãos sociais	2	6	0
Governo (Órgãos, Instituições Governamentais)	2	8	1
Igreja ou instituição religiosa	3	2	2
Instituição de Ensino, Universidade, Centro de Pesquisa	3	1	3
Movimento Sindical (Sindicato, Federação, Confederação, Central Sindical)	3	0	4
Outro	7	1	5
Pacs, Asplande, Unicap, Socioecozo, Rede Sesc, Articulações de Agro Ecologia, Rede Mulheres Empreendedoras, Supervia.			

Quanto aos movimentos sociais e populares, 83% dos grupos (15 grupos) declaram fazer parte ou apoiar algum movimento.

Aqui, novamente, os movimentos citados confirmam tendências anteriores:



Desta forma, metade dos grupos parece envolvida com o movimento ambientalista, o que é coerente com as tendências observadas anteriormente para uma sustentabilidade nos

trabalhos: aqueles relacionados à coleta de materiais como origem de insumos ou matérias primas, por exemplo.

5. As articulações no território:

uma potência para o desenvolvimento local



O segundo mapeamento teve a intenção de trabalhar com o universo de dez entidades, entre essas: uma associação, três universidades, uma fundação, uma cooperativa, uma rede, um instituto e um sindicato. A escolha desse universo de entidades teve como critérios o fato de estarem situadas na Zona Oeste; exercerem algum tipo de articulação e intervenção local; já exercerem algum tipo de parceria entre elas; terem um nível de relação com a Rede SOCIOECOZO/RJ; e apresentarem um potencial a ser explorado na perspectiva do Desenvolvimento Local.

Das dez entidades, todas já desenvolvem algum trabalho de parceria entre si, sem necessariamente haver uma articulação mais integrada entre as dez. Nove afirmaram

já possuir alguma relação com a Economia Solidária. Três já estabelecem parceria mais consolidada com a Rede sendo essas: a UEZO, a FEUC e também a Rede de Agricultura Urbana. Oito participam de outras articulações estaduais e nacionais, como: redes nacionais, associações, Feterj, Contee e CUT.

No caso da UEZO, a experiência do projeto “Uso de materiais desenvolvidos na universidade como agentes de transformação da vida socioeconômica na região da Zona Oeste”, apoiado pela FAPERJ, permitiu conhecer a trabalho da Rede de socioeconomia solidária da Zona Oeste. Após o término do projeto, nasceu a ideia de integrar a missão do UEZO como agente colaborador na transformação social local, podendo ainda auxiliar tecnologicamente

para o crescimento dos grupos produtivos locais. Com esta intencionalidade, estreitou-se os laços com a Rede de socioeconomia solidária da Zona Oeste e iniciou um processo de formação que já está na segunda turma.

A proposta da capacitação das artesãs tem procurado estabelecer estratégia de difusão e disseminação do conhecimento técnico e na formação de uma cultura no uso de materiais plásticos reciclados, ou/e, reutilizados para obtenção de produtos de maior valor agregado por meio do uso de tecnologias apropriadas, com fim de acelerar o crescimento econômico dos pequenos empreendedores em concomitância com a formação de uma cultura de preservação ambiental. Para tal, são realizados cursos de “Projetos de desenvolvimento de ecoprodutos artesanais”. Os materiais são obtidos do processamento de polipropileno pós-consumido, adicionados ao pó da casca do coco verde e aditivos. O curso aborda desde as questões de cidadania, da educação ambiental, até o desenvolvimento econômico sustentável.

As peças obtidas são comercializadas com maior valor de mercado e pretende-se promover o crescimento das atividades comerciais da rede de artesãos da Zona Oeste.

Desde o nascimento da SOCIOECOZO, e podemos dizer antes da Rede existir, a Feuc já vinha contribuindo de forma efetiva para discussão a cerca do Desenvolvimento Local da Zona Oeste. Abrindo suas portas para realização de cursos, oficinas, seminários e reuniões da Rede SOCIOECOZO/RJ e do movimento estadual de Economia Solidária, possibilitou fortalecer e ampliar as aticulações locais. Hoje - como resultados importantes desse processo - vale destacar a parceria do Pacs, da Rede e da Feuc na participação na semana de responsabilidade social da universidade, que também garantiu espaço fixo de comercialização mensal para os empreendimentos da Rede, além do convite para as artesãs realizarem formação (oficinas de artesanato) na comunidade Vale Esperança em Campo Grande, onde a Feuc desenvolve ações.

Em relação a Rede de Agricultura Urbana, para realização de feira e compras coletivas. Dos parceiros conquistados, vale destacar a Associação Comercial de Campo Grande, que também se comprometeu na negociação para efetivação de mais um espaço de formação, produção, comercialização da Rede. Em relação a Segurança Alimentar e Nutricional/SAN, como resultado mais relevante que articula as ações voltadas para Agroecologia, Agricultura Urbana Familiar e Economia Solidária, foi o fato dos grupos conseguirem pautar e garantir nas conferências regional, municipal e estadual propostas efetivas na perspectiva de elaboração e implementação de políticas públicas de SAN. Esse resultado tem a ver com um conjunto de estratégias, articulação e formação nos trabalhos que o PACS vem contribuindo junto à Rede de Socioeconomia Solidária da Zona Oeste e a Rede de agricultura urbana familiar.

6. Apresentação

das Instituições

1. Associação Comercial e Industrial de Campo Grande - ACICG

Fundada em 1960, graças ao empenho e elevado espírito inovador de um grupo de comerciantes e profissionais liberais do bairro de Campo Grande. Sua grande missão: a valorização dos empresários, trabalhadores e da sociedade. A associação é voltada para o público comercial.

2. Casa da Rua do Amor - Cooperativa de Dinamizadores de Arte e Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

Nasceu em 2004, com o objetivo de atender e estimular por meio do fazer artístico e de uma ação cultural o interesse de uma comunidade

distante do centro de produção e difusão cultural da cidade e com isso contribuir com a formação de cidadãos participativos, críticos e empreendedores, capazes de atuarem em prol das mudanças necessárias para a melhoria da sua qualidade de vida, do seu grupo e do ambiente em que vivem.

3. Campus FIOCRUZ da Mata Atlântica

Em 2004, uma portaria da Presidência da Fiocruz definiu três eixos de atuação do então Campus Jacarepaguá, atual Campus Fiocruz da Mata Atlântica: fitomedicamentos, patrimônio cultural da saúde e biodiversidade e saúde. Em 2005, foi criado o Programa de Implantação do Campus de Jacarepaguá. O Programa

de Desenvolvimento do Campus Fiocruz da Mata Atlântica (PDCFMA) é um programa interdisciplinar com um modelo de ocupação que prioriza a preservação, a proteção e a recuperação dos patrimônios ambiental e cultural, consolidando um território saudável e sustentável. O Campus está localizado numa área de 5 milhões de metros quadrados situada em Curicica, na região de Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

4. Fundação Xuxa Meneghel

A Fundação Xuxa Meneghel atua na defesa e na promoção dos direitos da criança e do adolescente, trabalhando para oferecer às crianças, jovens e famílias em situação de vulnerabilidade social, oportunidades de

exercer plenamente seus direitos, desenvolver suas potencialidades e ter poder de decisão sobre as questões que as afetam diretamente.

5. Fundação Educacional Unificada Campograndense - FEUC

A Faculdade Integradas Campo-Grandenses, há mais de cinquenta anos, dedica-se à formação de professores, tendo um compromisso moral com a qualidade da educação, especialmente atinente à zona oeste da cidade do Rio de Janeiro - possuidora do maior contingente estudantil da América Latina - e a de municípios vizinhos ao Rio de Janeiro, como é o caso dos de Itaguaí, Mangaratiba, Seropédica, Angra dos Reis, Paraty, Paracambi e parte da Baixada Fluminense.

6. Instituto de Formação Humana e Educação Popular - IFHEP

O Instituto de Formação Humana e Educação Popular (IFHEP) é resultado de uma caminhada de um grupo de pessoas - mulheres e homens, alguns(mas) bem jovens, outros(as) ainda crianças - que têm trabalhado na perspectiva de contribuir na formação de sujeitos conscientes e participativos da vida social. Este trabalho tem se pautado em ações educativas na perspectiva da educação popular, ou seja, uma educação que tem como foco os grupos sociais excluídos e/ou empobrecidos em nossa sociedade e que faz dessa realidade matéria para construção de processos pedagógicos comprometidos com a sua transformação, a partir do processo de conscientização dos sujeitos daqueles grupos sociais.

7. Associação Educacional Machado de Assis - FAMA

A Faculdade Machado de Assis - FAMA, objetiva o desenvolvimento das Ciências e de outras áreas

do conhecimento humano e a formação de profissionais de nível superior do município. É mantido pela Associação Educacional Machado de Assis que tem sede em Santa Cruz na cidade do Rio de Janeiro - RJ.

8. Sindicato dos Professores do município do Rio de Janeiro - sub sede Campo Grande

Com mais de 80 anos de existência, representa os interesses de todos os professores da iniciativa privada, da educação básica, do ensino superior, dos cursos livres, dos preparatórios de ensino complementar ou profissional, inclusive os não seriados, dos cursos de línguas - com dissídios separados - no IBEU, na Cultura Inglesa e na Aliança Francesa. Atuam junto ao movimento social na defesa dos interesses dos trabalhadores e na luta pela construção de uma sociedade justa, fraterna e igualitária. Para tanto, são filiados à Central Única dos Trabalhadores (CUT), à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de

Ensino (Contee) e à Federação Estadual dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino (Feteerj).

9. Centro Universitário Estadual da Zona Oeste - UEZO

Fundada em 2005 pelo decreto n° 37.100, fez seu primeiro vestibular em 2006. Posteriormente, foi constituída pela lei n° 5380, de janeiro de 2009 em Fundação de direito público, vinculada à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Sendo UEZO uma universidade tecnológica, tem como objetivo formar pessoas qualificadas, com perfis empreendedores e com habilidade para pesquisar, selecionar e utilizar com criatividade as informações disponíveis, com vistas da integração do saber acadêmico com a inovação tecnológica. Atualmente possui 1851 alunos, 112 professores dos quais 56 são doutores e concursados, 12 técnicos e 5 laboratoristas.

10. Rede de Agricultura Urbana Carioca

A Rede de Agricultura Urbana Carioca se reúne para debater, praticar e fortalecer a agricultura nos espaços urbanos, incentivando o cultivo e o consumo de alimentos saudáveis, valorizando os conhecimentos tradicionais relacionados à agricultura e à saúde, bem como o aproveitamento dos recursos locais. E envolve também os agricultores do município, enfraquecidos e invisibilizados pelo não reconhecimento da existência de uma área rural. O trabalho tem como eixo 3 grandes princípios: o manejo dos quintais; as plantas medicinais e alimentação saudável. Defende os sistemas de produção agroecológicos, pois apresentam alta capacidade de adaptação, são eficientes em energia, socialmente justos e constituem os pilares de uma estratégia vinculada à soberania alimentar.

7. Sobre o mapeamento

Das dez entidades, todas já desenvolvem algum trabalho de parceria entre si, sem necessariamente haver uma articulação mais integrada entre as dez.

Nove afirmaram já possuir alguma relação com a Economia Solidária, apoiando espaços de promoção de feiras, espaço para reuniões e formação para a Rede de Socioeconomia Solidária da Zona Oeste. Esse dado é bastante relevante quando se trata da relação de parceria dessas entidades com a Rede, na perspectiva de outra economia que valoriza os potenciais humanos e o Desenvolvimento Local como um todo. “Desenvolvimento Local é entendido como um processo que

mobiliza pessoas e instituições buscando a transformação da economia e da sociedade locais, criando oportunidade de trabalho e de renda, superando dificuldades para favorecer a melhoria das condições de vida local. Assim, se trata de um esforço localizado e concentrado, isto é, são lideranças, instituições, empresas e habitantes de um determinado lugar que se articulam com vistas a encontrar atividades que favoreçam mudanças nas condições de produção e comercialização de bens e serviços de forma a proporcionar melhores condições de vida aos cidadãos e cidadãs, partindo da valorização e ativação das potencialidades e efetivos recursos locais”. (JESUS, 2003).

Nove declararam que participam de outras articulações estaduais e nacionais, como: redes nacionais; associações; Federação dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino do Estado do Rio de Janeiro - FETEERJ; Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino - CONTEE, e Central Única dos Trabalhadores/CUT. O que pode representar um potencial de articulação maior e mais ampliado quando se pensa ações para a Zona Oeste.

Com relação ao desenvolvimento de trabalhos em prol do meio ambiente, três instituições relacionaram o tema com a proposta de agroecologia², soberania e segurança alimentar. Duas instituições informaram que desenvolvem outros projetos que estão relacionados à cidade, mudanças climáticas, coleta seletiva e uso de tecnologias para reciclagem de materiais plásticos. Uma instituição aponta a Rio+20 (atividade na Zona Oeste) como um momento importante que se relaciona com o tema.

2. Considera-se Agroecologia como Ciência ou campo de conhecimentos de natureza multidisciplinar, cujos ensinamentos pretendem contribuir na construção de estilos de agricultura de base ecológica e na elaboração de estratégias de desenvolvimento rural, tendo-se como referência os ideais da sustentabilidade numa perspectiva multidimensional. Adiante destacamos três sínteses conceituais de renomados Agroecólogos (Altieri, Gliessman, Sevilla Guzmán), seguidas de um artigo de opinião, com o objetivo de colocar ênfase na natureza científica da Agroecologia. (http://www.ufrgs.br/agroecologiabr/conceitos_de_agroecologia.htm).



Três já estabelecem parceria mais consolidada com a Rede SOCIOECOZO/RJ sendo essas: a UEZO, a FEUC e também a Rede de Agricultura Urbana. Sete tiveram algum tipo de parceria que podemos considerar mais pontual com a Rede.

No caso da UEZO a experiência do projeto “Uso de materiais desenvolvidos na universidade como agentes de transformação da vida socioeconômica na região da Zona Oeste”, apoiado pela FAPERJ, permitiu conhecer a trabalho da Rede de socioeconomia solidária da Zona Oeste. Após o término do projeto, nasceu a ideia de integrar a missão da UEZO como agente colaborador na transformação social local, podendo ainda auxiliar tecnologicamente para o crescimento dos grupos produtivos locais. Com esta intencionalidade, estreitou-se os laços com a Rede de socioeconomia solidária da Zona Oeste e iniciou um processo de formação que já está na segunda turma.

A proposta da capacitação das artesãs tem procurado estabelecer estratégia de difusão e disseminação do conhecimento técnico e na formação de uma cultura no uso de materiais plásticos reciclados, ou/e, reutilizados para obtenção de produtos de maior valor agregado, por meio do uso de tecnologias apropriadas com o fim de acelerar o crescimento econômico dos pequenos empreendedores, em concomitância com a formação de uma cultura de preservação ambiental. Para tal, são realizados cursos de “Projetos de desenvolvimento de ecoprodutos artesanais”. Os materiais são obtidos do processamento de polipropileno pós-consumido, adicionados ao pó da casca do coco verde e aditivos. O curso aborda desde as questões de cidadania, da educação ambiental até o desenvolvimento econômico sustentável. As peças obtidas são comercializadas com maior valor de mercado, pretende-se promover o crescimento das atividades comerciais da rede de artesãos da Zona Oeste.

8. Conclusão

Tratando-se de grupos da economia solidária, espera-se que uma cadeia produtiva solidária seja constituída não apenas no ato da venda, mas desde a aquisição de matéria prima e insumo, nas relações de trabalho e formas de participação na organização e em outras instâncias. Neste contexto, os dados sistematizados permitem tirarmos algumas conclusões.

Nota-se que a maioria dos grupos adquire seus insumos e matérias primas através da compra e aquisição de empresa privada, tendo como principal destino dos produtos a venda. Temos assim uma aparente contradição: a primeira, relacionada ao que seria um ciclo produtivo

diferenciado, e a segunda, da concepção sobre “promover o comércio justo e ético” como iniciativa, visando à qualidade de vida dos consumidores, quando esta prática não está presente para a própria produção. Entretanto, aqui cabe ressaltarmos que estas dificuldades não são uma condição isolada dos grupos da Rede, e sim da Economia Solidária ao menos em termos de Brasil.

Estes mesmos desafios, por outro lado, apontam para um caráter interessante desta Rede. Mais da metade dos grupos afirma adquirir matéria prima através da coleta, reciclagem e reaproveitamento, tendo também como destino estes produtos e serviços a troca com outros empreendimentos solidários. Isto indica,

por um lado, a existência de relações de troca como intercâmbio entre os grupos, como indica, principalmente, uma origem sustentável da matéria prima.

Esta relação dos grupos com o meio ambiente se expressa também pela prática declarada por pelo menos metade dos grupos sobre reaproveitamento de resíduos, por fim, sendo confirmada pelo índice de participação no movimento ambientalista.

Outro aspecto importante colocado pelos dados remonta à participação majoritária de mulheres na Rede, uma tendência aparente nas reuniões, mas cujas proporções eram até então desconhecidas. Não obstante, deste

aspecto ressaltamos dois pontos para reflexão: o primeiro sobre a relação entre grupos informais e mulheres, tendência que poderá ser observada numa próxima etapa. Segundo, o alto índice de participação de mulheres da Rede nos movimentos de mulheres. Esta poderia ser composta por um alto número de mulheres sem que isto significasse algum tipo de consciência de gênero, e o mesmo ocorre em relação ao apoio ao movimento ambientalista e comunitário. Tornam-se assim fortes indicadores de que existe uma consciência ou a potencialidade de trabalho sobre estes temas, que entregam certa identidade à rede.

Por último, cabe refletirmos sobre o significado atribuído à relação com o PACS e outras frentes

de trabalho na região. Por um lado apontado como instância de formação, por outro, como rede ou fórum de participação.

O mapeamento entrega insumos importantes para esta Rede sobre os grupos, mas também sobre o que significa ser grupo e se articular. Falamos de uma Rede nova, cujos grupos são frágeis - grupos informais - mas com enorme potencial. Os dados objetivos entregues fornecem uma base ou um ponto de partida por onde discutir os fundamentos que embasaram a formação da Rede em primeiro lugar: O que entendemos e precisamos como políticas públicas para a economia solidária?

Estas questões situam a Rede em uma dada região, e embasam a relação com algumas instâncias regionais e nacionais de economia solidária. Ainda que os objetivos estejam em constante mutação, o que demandamos nesta instância local que promove e incentiva a participação e articulação com outras

instâncias? Ou a forma que nos inserimos e posicionamos em um contexto, conscientes de uma posição de articulação voltada para a mudança.

Por fim, e mais importante, o mapeamento é parte de um processo de formação mais amplo que vem sendo realizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Existe uma preocupação central com o processo e sua dimensão estratégica, havendo um forte movimento para a continuidade do trabalho no ano que se inicia. Ainda assim, uma parte importante do trabalho ainda está para ser finalizada, e novos insumos sobre estes movimentos em rede ainda deverão ser elaborados.



Anexos





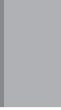
Anexos

Com sede no Rio de Janeiro, o PACS - Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul é uma organização sem fins lucrativos dedicada ao Desenvolvimento Solidário. A Instituição foi fundada em 1986 como parte brasileira do PRIES - Programa Regional de Investigações Econômicas e Sociais para o Cone Sul da América Latina -, iniciativa de um grupo de economistas que retornavam do exílio a seus países de origem: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. A aliança com o PRIES, no entanto, foi dissolvida em 1995 após nove anos de colaboração e produção coletiva.

A proposta do PACS é colocar o trabalho e a criatividade de sua equipe à disposição dos movimentos sociais, das entidades eclesiais, dos governos populares, dos grupos de produção associada, das escolas públicas e de outras organizações de desenvolvimento solidário. O desafio é pensar a economia de forma contra-hegemônica e solidária, procurando rumos alternativos ao atual sistema socioeconômico.

Nossas ações consistem em oferecer o máximo de apoio, subsídios e sinergia no processo de empoderamento dos atores sociais para que se tornem sujeitos plenos, conscientes e soberanos

Sobre o PACS



do próprio desenvolvimento enquanto pessoas e coletividades. Empoderamento não é o mesmo que ‘apoderamento’. Empoderar-se envolve um movimento subjetivo de dentro para fora. É realizado pela própria pessoa e consiste em tomar controle e poder sobre si próprio, seus próprios potenciais e o processo de desenvolvê-los, ou convertê-los em ação, em prática. Ninguém empodera ninguém, as pessoas se auto-empoderam, ou sejam, retomam o poder e a capacidade de decidir sobre ações futuras.

Para isso, o PACS desenvolve pesquisas, análises e reflexão crítica sob a forma de publicações, entrevistas, programas de rádio e em linguagem audiovisual. Também elabora propostas e políticas alternativas, oferecendo assessoria e atividade educativas de formação para o desenvolvimento comunitário e cooperativo junto às comunidades urbanas e rurais, escolas municipais, cooperativas e associações autogestionárias de trabalhadores e trabalhadoras. Outra atividade é a participação ativa em redes locais, nacionais e internacionais.

Saiba mais sobre esta série:

Série Semeando Socioeconomia: livretos dedicados às práticas e reflexões sobre o desenvolvimento local, o cooperativismo autogestionário e popular, redes de economia solidária e eixos transversais.

Números anteriores:

1. Construindo a Socioeconomia Solidária do Espaço Local ao Global (bilíngüe)
2. Socioeconomia Solidária: Construindo a Democracia Econômica
3. Histórias de Socioeconomia Solidária
4. Construindo a Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária
5. Agenda Libertária (bilíngüe)
6. Desafios ao Desenvolvimento Local: Terra e Habitação
7. Economia Solidária no Fórum Social 2002
8. Moeda Social e Trocas Solidárias: experiências e desafios para ações transformadoras
9. Modos de fazer socioeconomia: Contribuições à educação popular
10. Modos de fazer socioeconomia: Contribuições à educação popular II
11. Gest(ÃO)ando a vida - Experiências do fazer socioeconomia solidária
12. Economia política nas mãos das mulheres: Uma experiência de educação popular